

Universidade Federal de Sergipe
Centro de Educação e Ciências Humanas – CECH
Departamento de Comunicação Social – DCOS
Curso de Audiovisual

Eudaldo Monção Rocha Júnior

O Muro é o Meio
Documentário

São Cristóvão – SE

Fevereiro/2014

Eudaldo Monção Rocha Júnior

**O Muro é o Meio
Documentário**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal de Sergipe como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Audiovisual.

Orientador: Prof. Dr. Noel dos Santos Carvalho.

São Cristóvão – SE

2014

Eudaldo Monção Rocha Júnior

O Muro é o Meio
Documentário

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal de Sergipe como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Audiovisual.

Aprovado em: 26/02/2014

Banca Examinadora:

Dr. Noel dos Santos Carvalho (DCOS/UFS)
Orientador

Dra. Maria Beatriz Colucci (DCOS/UFS)

Dr. Antônio Fernando de Araújo Sá (DHI/UFS)

RESUMO

O Muro é o meio é um documentário de quinze minutos sobre as pichações e grafites nos muros do *campus* São Cristóvão da Universidade Federal de Sergipe. Elas são apresentadas como forma de reivindicação, protesto e comunicação contra a apatia das paredes brancas que abafam os conflitos socioculturais. As intervenções visuais reivindicam qualidade de ensino, estrutura e segurança e servem como *link* para ocorrências como a ocupação de Reitoria no ano de 2008, onde os estudantes do *campus* Laranjeiras reivindicavam melhoria na assistência estudantil, a ocupação de 2011, e onde os estudantes de Comunicação Social exigiam melhorias concretas para o curso, além da ocorrência de um crime no interior do campus em 2013. Para isso, este projeto dialoga com teóricos do gênero documentário, como Nichols e sublinha o processo criativo do curta-metragem.

Palavras-chave: documentário; pichação; grafite; Universidade; protesto.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1.....	6
Figura 2.....	8
Figura 3.....	9
Figura 4.....	10
Figura 5.....	11
Figura 6.....	12
Figura 7.....	13
Figura 8.....	15
Figura 9.....	21
Figura 10.....	21
Figura 11.....	22
Figura 12.....	23
Figura 13.....	24
Figura 14.....	25
Figura 15.....	26
Figura 16.....	27
Figura 17.....	28
Figura 18.....	29
Figura 19.....	32
Figura 20.....	33
Figura 21.....	34
Figura 22.....	34
Figura 23.....	35
Figura 24.....	35
Figura 25.....	36
Figura 26.....	37
Figura 27.....	39
Figura 28.....	40
Figura 29.....	41
Figura 30.....	42
Figura 31.....	42

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	38
----------------	----

SUMÁRIO

1 VISÃO ORIGINAL.....	6
2 PROPOSTA DO DOCUMENTÁRIO <i>O MURO É O MEIO</i>	8
3 GÊNESE DO PROJETO	10
4 MOTIVAÇÃO.....	13
5 PICHÃO E GRAFITE	15
6 GÊNERO DO FILME	18
7 PROPOSTA FOTOGRÁFICA.....	21
8 PROCESSO DE REALIZAÇÃO	23
9 TRILHA SONORA	27
10 EDIÇÃO E FINALIZAÇÃO	30
11 CRONOGRAMA DE REALIZAÇÃO.....	37
12 DISTRIBUIÇÃO.....	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	46
FICHA TÉCNICA.....	48
APÊNDICE	50
ANEXOS	53

1 VISÃO ORIGINAL



Figura 1 - Pichação no Bloco departamental III, no *campus* São Cristóvão da UFS
Fonte: Arquivo pessoal

A Universidade Federal de Sergipe possui em seu maior *campus* localizado na cidade São Cristóvão (SE)– o registro de algumas intervenções em seu espaço público que, à primeira vista, representa o pensamento transposto por sujeitos que manifestam suas reivindicações, mesmo que de maneira emergente. Trata-se de uma expressão visual urbana: a pichação. Esta é a tipografia que assume forma nos muros da Universidade e que carrega, em sua linguagem específica, uma cultura – ou seria uma contracultura? – que subverte as formas institucionalizadas, pois a partir disto a pichação representa um signo comunicativo integrado à Instituição, possuindo estratégias próprias das técnicas comunicativas. A pichação constrói uma comunicação que dispensa os dispositivos tradicionais (a televisão e o rádio, por exemplo) como meio de transmissão de uma ideia. Tem-se, portanto, a vez e a voz daqueles que não têm voz na sociedade.

A motivação da ação na produção dos textos, por parte dos sujeitos-autores, consiste na possibilidade de disputar um espaço para expor suas reivindicações, pautando-se na realidade político-social do nosso tempo histórico, quer dizer, uma disputa por melhores condições de ensino e por uma Universidade popular, por exemplo.

Há múltiplas formas de protesto: jornais, panfletos, vídeos ou músicas. Entretanto, são as pichações em espaços públicos que representam excelentes mecanismos de comunicação, devendo ser expostas em locais estrategicamente escolhidos por seus sujeitos-autores para que

um grande número de sujeitos-leitores possa receber a mensagem. A comunicação representa uma ferramenta de organização capaz de mobilizar as pessoas e impulsionar lutas. Neste sentido, os muros asseguram o meio para transpor escritas de cunho mais subversivo, que denunciam entraves e acendem o conflito, pois modificam o discurso, abrem os caminhos para a reflexão e disputam a consciência dos transeuntes.

O que se pode inferir é: a pichação é uma *arte* contemporânea que surge da necessidade urbana em fazer, ouvir e enxergar as vozes que são abafadas tanto pelos meios de comunicação como pelas galerias e instituições de artes convencionais. A Universidade, com seus muros pichados, torna-se uma grande galeria onde múltiplos protestos tomam a cena, rompendo o cinza e o branco cotidiano dos muros e das pessoas que fazem uso desse espaço. A pichação é o ponto de contato entre as vozes que são oprimidas e silenciadas e o seu amplo público, que é feito de pessoas que circulam diariamente o *campus* universitário. Ela tem o poder de fazer parte da rotina e da formação de opinião e do imaginário social.

As mensagens de protesto gravadas nas paredes do *campus* remetem diretamente ao questionamento sobre a própria estrutura e condições de funcionamento em que a Universidade se encontra. Essas manifestações são reflexos dos problemas enfrentados tanto pelos estudantes como por toda a sociedade. A Universidade, como uma instituição pública, reproduz deficiências encontradas em todos os âmbitos das políticas públicas sociais do país, não obstante, as críticas em evidência nos muros perpassam questões que vão desde a educação e segurança e até os transportes públicos.

2 PROPOSTA DO DOCUMENTÁRIO *O MURO É O MEIO*

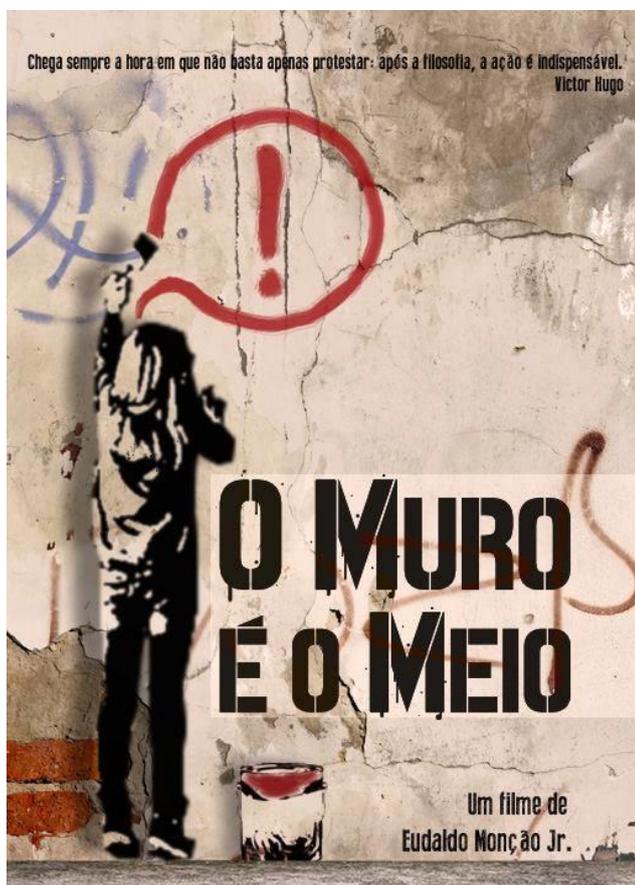


Figura 2 – Arte do DVD *O Muro é o Meio*, feita pelo Design Gráfico Felipe Ferreira
Fonte: Material de Divulgação do filme *O Muro é o Meio*

O documentário, a princípio, cumpre o papel de estabelecer a construção da compreensão da escrita em paredes e, de forma dialética, trazer a conexão de eventos contemporâneos relacionados a essa mesma prática, no intuito de expô-la. Tem-se como objetivo: identificar os códigos transcritos nas paredes da Universidade, reconhecer o conteúdo expresso em cada intervenção, e a partir destes *registros* podermos trazê-los para as condições vivenciadas atualmente na Universidade. “Queremos professores” é apenas uma das tantas outras manifestações encontradas nas paredes do *campus*. Em 2011, estudantes estiveram em uma ocupação de Reitoria, reivindicando a qualidade da educação.

Em outro muro podemos visualizar a seguinte mensagem: “não pago”, que é uma crítica direta à qualidade do transporte público oferecido não apenas aos estudantes, mas a toda comunidade. Este, inclusive, é também o nome de um grupo do movimento social que agita a questão do passe livre para estudantes.



Figura 3 – Pichação na parede do Restaurante Universitário (RESUN), do *campus* São Cristóvão da UFS
Fonte: Arquivo pessoal

“A violência contra a mulher não é o mundo que a gente quer”, é uma das frases que cobriram o Restaurante Universitário após um crime ocorrido neste local no ano de 2013. Trata-se do assassinato da jovem Daniele dos Santos, funcionária do Restaurante, que foi brutalmente esfaqueada pelo seu antigo companheiro durante seu horário de trabalho.

É por meio dessas mensagens que a estrutura fílmica se estabelece, utilizando em todo processo audiovisual recursos que permitem correlacionar essas questões. Também está inserido na estrutura uma composição sonora que acompanha a dinâmica da linguagem videográfica, tendo o *rap* como estilo musical marcadamente destacado. Partiremos do princípio de que é absolutamente necessário compreender as mais diversas manifestações do indivíduo e perceber de que forma isso se reverbera: a necessidade de expressar o que, a princípio, aparece de forma singular e restrita ao próprio indivíduo, mas que, ao serem expostas e compartilhadas, toma corpo coletivo e abre espaço para um debate crítico de eventos desta natureza.

3 GÊNESE DO PROJETO



Figura 4 – Pichação na parede do Restaurante Universitário (RESUN), do *campus* São Cristóvão da UFS
Fonte: Arquivo pessoal

A ideia surgiu durante a disciplina Produção Audiovisual I, do 6º período curricular do curso de Comunicação Social com habilitação em Audiovisual, quando o professor Noel Carvalho, que logo mais viria a orientar este projeto de conclusão de curso, solicitou que os estudantes elaborassem um projeto de curta-metragem a ser realizado na segunda parte da disciplina. A sugestão da avaliação foi a de que os estudantes, em grupo, elaborassem um projeto de documentário ou ficção. Então, em dupla com a discente Amanda Lemos Gonçalves dos Santos, optou-se pela realização de um documentário, tendo em vista que até então havia apenas a realização de ficção na Universidade em nossa produção. Deste modo, foi pensado realizar o registro de algo que tivesse como tema central algum objeto de estudo presente na própria instituição, para então produzirmos a obra audiovisual.

De início, tivemos a ideia de documentar os grafites da Universidade e falar sobre essa forma de comunicação visual e manifestação artística feita com o uso do *spray*, que se tornou cada vez mais extinta neste âmbito acadêmico. Ainda hoje podemos visualizar poucas dessas intervenções no *campus* São Cristóvão da Universidade Federal de Sergipe, já que estas são frequentemente apagadas dos muros, bem como as pichações. Partilhamos da ideia de que apagar um muro com grafites e pichação de protesto é, em verdade, acabar com a possibilidade de debate sobre determinados temas. Qualquer frase ou arte expressa desta forma, que de alguma maneira questione a *ordem*, sofre alguma censura por parte do setor administrativo da instituição. Isso restringe até mesmo a simples apreciação de quem admira a beleza dos traços da arte de rua ou o conteúdo expresso em uma frase.

Conforme fui desenvolvendo o trabalho, o objeto central do filme acabou sendo modificado. Quando foram observadas as paredes do Restaurante Universitário pichadas com o dizer “Restaurante Universitário Daniele dos Santos”, tive o discernimento do que estava por trás daquela manifestação, que era um protesto em relação a um crime ocorrido dentro da Universidade, onde uma funcionária do próprio Restaurante (de 28 anos de idade) foi brutalmente assassinada a facadas pelo seu ex-companheiro. A partir da reflexão sobre o significado do muro, da rosa e do protesto, aprimorei a ideia inicial de realização do documentário e parti para a pesquisa de pichações e grafites que estivessem gravadas nos muros do *campus* e que se relacionassem de algum modo com algum fato ocorrido como o exemplo do grafite no *RESUN*.



Figura 5 – Pichação feita no período da ocupação de Reitoria em 2011
Fonte: Arquivo pessoal

Não demorou muito para encontrar essas manifestações. Pichações e estênceis quase apagados pelo tempo, com palavras de ordem que diziam “queremos professores” e “chega de migalhas”. Eram intervenções visuais feitas no *campus* São Cristóvão no período da ocupação da Reitoria no ano de 2011, movimento realizado pelos estudantes do curso de Comunicação Social, com o intuito de chamar a atenção do Reitor para os problemas do espaço acadêmico, como a situação de estrutura do curso, falta de professores, equipamentos e a ausência de uma sala de projeção para os estudantes, que então decidiram permanecer ocupados na Reitoria até que suas reivindicações fossem atendidas.

Foram 12 dias de ocupação: professores, movimentos sociais e estudantes de outros cursos se uniram a este movimento.



Figura 6 – Quadros pintados no *hall* da Reitoria da UFS, em 2008
Fonte: Arquivo pessoal do entrevistado Estevão Andrantonos

A partir disso, busquei informações sobre a ocupação que havia acontecido anteriormente na Universidade. Em 2008 quando os estudantes do curso de Teatro do *campus* Laranjeiras, juntamente com o apoio dos estudantes do *campus* São Cristóvão e também de entidades sindicais, reivindicaram a melhoria da assistência estudantil e o pagamento do valor da bolsa-trabalho que estavam atrasados há três meses, estava em pauta também a criação de uma residência fixa e a construção de um restaurante universitário do *campus* Laranjeiras. Com a ocupação de quatro salas da Reitoria da Universidade durante 12 dias, os estudantes, como forma de protesto, pintaram alguns quadros que estavam sendo expostos no *hall* da Reitoria com o intuito de chamar a atenção da comunidade acadêmica para o que estava acontecendo. A pichação foi realizada com um material de fácil remoção e o conteúdo artístico dos quadros não foi danificado, porém mesmo assim houve a presença da Polícia Federal para tirar a impressão digital dos estudantes para a identificação dos “agressores”. O fim desta ocupação foi vitorioso, já que os estudantes ocupados conquistaram 90% das solicitações reivindicadas.

4 MOTIVAÇÃO



Figura 7 – Cartaz de divulgação de *O Muro é o Meio*
Fonte: Arquivo pessoal

A principal motivação para a realização do filme *O muro é o meio* foi o desejo de contar algo sobre a Universidade de modo que contribua na formação acadêmica e que possa haver a possibilidade de fazer deste trabalho um registro histórico de nossa Instituição e dos estudantes que vivenciaram esses momentos na Universidade, ou parte deles, como é o meu caso.

Ingressei na Universidade Federal de Sergipe no ano de 2010 e até então acompanhei o processo de mobilização estudantil para a ocupação da Reitoria de 2011, além do crime no Restaurante Universitário. O que eu pude observar ao longo desse período que estive na Instituição é que muitos desses fatos são desconhecidos pelos próprios estudantes, ou esquecidos, demasiadamente apagados. As pichações e os grafites deixados são os únicos registros desta época. Apagar estas memórias é apagar o que aconteceu, o que vivemos enquanto estivemos ali. Estes foram os motivos que me impulsionaram a eternizar esses fatos no filme. Logo no primeiro ano do curso de graduação tive a oportunidade de participar de uma produção audiovisual realizada pelo Núcleo de Produção Digital Orlando Vieira, que foi intitulada de “Do outro lado do rio”. O curta é uma ficção de 11 minutos que retrata a vida de um pescador e de sua filha. O filme foi realizado em sete dias, contando da criação do roteiro até o dia da última gravação, durante um curso de realização em audiovisual. Foi um curso intensivo e que me fez desenvolver técnicas importantes para a realização de outros trabalhos, inclusive para este documentário, como por exemplo, noção de planos, equipamentos e

produção. As lindas imagens feitas na cidade de Aracaju e na Barra dos Coqueiros levaram o nome da cidade para fora do Estado, gerando prêmios importantes para nós, realizadores, como: o Prêmio Aquisição SESCTV para Novos Talentos, do 22º Festival Internacional de Curtas Metragens de São Paulo em 2011; o primeiro lugar de melhor vídeo sergipano do *Curta-se 11*; o prêmio “O Capital” de melhor filme sergipano dos últimos cinco anos, também no ano de 2011. Outrossim, a experiência da realização e o direcionamento que o filme teve com a participação nesses festivais geraram ainda a sua participação em uma mostra realizada pelo Festival *Signes de Nuit*, na França.

O sucesso e o trajeto que o filme teve foram de fundamental importância para levar o nome da cidade para todos esses locais onde foi exibido. A partir da realização de uma obra que mostrasse a cidade onde eu estava construindo parte da minha vida e a partir das consequências geradas com este filme é que se constituiu o desejo de ver o meu primeiro documentário circular por festivais e poder acompanhar o filme ultrapassar os muros da Universidade. Criar um projeto de documentário vai muito além de uma mera definição do tema e partir para a gravação. Foi necessária a realização de pré-entrevistas com pessoas ligadas aos movimentos sociais, pichadores e grafiteiros, além de estudantes que vivenciaram esses momentos na Universidade para então iniciarmos a gravação dos depoimentos.

Mediante estas informações, geradas na fase de pesquisa para a realização do documentário, e mediante minha motivação, comecei a buscar os entrevistados e colegas que me ajudariam a compor uma equipe de realização do projeto e então partimos para a realização, colocando em prática todos os conhecimentos adquiridos ao longo da formação.

5 PICHANÇA E GRAFITE



Figura 8 - Pichações e grafites no Restaurante Universitário (RESUN), da UFS.
Fonte: Arquivo pessoal

A pichação e o grafite correspondem a manifestações distintas que, na maioria das vezes, se fazem pela utilização da tinta em *spray*. Os registros deixados nas paredes desde a Antiguidade comprovam que ambas as atividades já existem há muito, como por exemplo, na antiga cidade da Pompéia, onde as inscrições nas paredes eram frequentes e expressavam o sentimento das pessoas, pois se pichava de tudo, de xingamentos e propagandas políticas a declarações de amor, ou a *grafitagem* realizada desde os primórdios da humanidade, utilizadas pelos homens das cavernas para estabelecerem uma comunicação com outro membro de sua mesma espécie. As inscrições nas paredes servem como acervo pra historiadores discutirem sobre a vida das sociedades pertencentes a determinado período da história da humanidade.

É muito tradicional iniciar uma visão sobre a arte, ou sobre o grafite, por intermédio da pintura rupestre, que são os primeiros registros encontrados de arte e de meio de comunicação que se tem notícia. Penso que a história já deixou claro o quanto o homem teve sempre em sua existência a necessidade de entender linguagens de comunicação diversificadas. Com certeza

o “homem das cavernas” não tinha noção do quanto estava imortalizando a sua história, ele não tinha essa perspectiva de desenhar na pedra sua história, porque após milhões de anos isso seria achado e serviria de acervo para discutir determinados aspectos culturais da humanidade – isso é improvável ao meu ponto de vista, apesar de ter de fato acontecido. Nota-se a divergência no tocante ao pichador que, quando utiliza o muro como meio, tem a necessidade de deixar a sua mensagem, o seu questionamento, ou a sua indagação, isto é, há uma relação transgressora por desejarem ter a sua mensagem vista pelo público – um público que não existia nos homens das cavernas. Logo, há uma necessidade de serem ouvidos através da escrita justamente por não terem voz.

A visualização que algumas pessoas têm em relação à pichação é de agressão, ou depreciação de algo que não lhe pertence. Enquanto que o grafite é, na maioria das vezes, compreendido como manifestação artística, como se pode ver na definição da palavra “pichação” na rede *Wikipédia*, enciclopédia livre da internet:

Pichação é o ato de desenhar, rabiscar, ou apenas sujar um patrimônio de qualquer ordem (público, privado...) com uma lata de spray (utilizado devido à grande dificuldade de remoção) ou rolo de tinta. Diferentemente do Grafite, cuja preocupação é de ordem estética, o piche tem como objetivo a demarcação de territórios entre grupos rivais. No geral, consiste em fazer algo que confronte a sociedade, às vezes com frases de protesto, outras com assinaturas pessoais. O piche é considerado vandalismo e incluso como crime ambiental das leis brasileiras nos termos do art. 65, da Lei 9.605/98, com pena de detenção de 3 meses a um ano e multa. A história da pichação começa com as gangues de Nova Iorque na década de 70 e 80. Podia ser apenas uma brincadeira visando fazer um nome ou uma ameaça a gangues rivais, como que uma demarcação de territórios da cidade. Logo jovens rebeldes de todo o mundo passaram à seguir esta filosofia¹.

Na Universidade, que na realidade compreende um espaço público e um ambiente aberto, onde as pessoas supostamente estão dispostas a discutir sobre o que acontece na sociedade, a pichação só vem a contribuir com isso, pois surgindo em meio a este espaço, colocam em pauta questões do meio em que vivemos. E mesmo entendida como uma agressão ela é importante, pois a agressão permite que as pessoas se movimentem e reajam ao que informa a pichação. Ao nos depararmos com uma mensagem, ou ideia que não necessariamente faz parte de seu repertório, ao menos naquela circunstância em que o indivíduo se depara com a manifestação, esta ideia tem o papel de colocar como comissão de frente algumas discussões. Em verdade, a pichação não vai acabar com o problema, mas irá

¹ Acepção “pichação”, consultada em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Picha%C3%A7%C3%A3o>>. Acesso em: 19 fev. 2014.

levantar um questionamento. E se isso é apagado, é porque estão querendo acabar com a possibilidade de o indivíduo se questionar a respeito.

Essa é a importância do projeto: não deixar isso em branco. É preciso colocar o fato de que as pichações na Universidade de fato existem, e se existem significa que algumas pessoas estão preocupadas com algumas coisas que estão acontecendo dentro deste espaço acadêmico, como segurança, por exemplo, ou discutir o papel da mulher na atualidade – não é porque sabemos que a mulher conquistou um papel importante na sociedade de hoje, cada vez galgando coisas mais importantes, o fato é que ela ainda está sendo agredida, está sendo morta.

A pichação é uma palavra genuinamente brasileira, diferente de outros países que não fazem a separação entre pichação ou grafite. No país o ato de grafitar é permitido, desde que com prévia autorização do proprietário a fim de enaltecer o patrimônio, enquanto a pichação continua sendo um ato criminoso, como se pode encontrar no artigo 65 da Lei nº 9.605 de 12 de Fevereiro de 1998:

Art. 65. Pichar, grafitar ou por outro meio conspurcar edificação ou monumento urbano: parágrafo único. Se o ato for realizado em monumento ou coisa tombada em virtude do seu valor artístico, arqueológico ou histórico, a pena é de seis meses a um ano de detenção, e multa.

Art. 65. Pichar ou por outro meio conspurcar edificação ou monumento urbano: (Redação dada pela Lei nº 12.408, de 2011). Pena - detenção de 3 (três) meses a 1 (um) ano, e multa. (Redação dada pela Lei nº 12.408, de 2011).

1º Se o ato for realizado em monumento ou coisa tombada em virtude do seu valor artístico, arqueológico ou histórico, a pena é de 6 (seis) meses a 1 (um) ano de detenção e multa. (Renumerado do parágrafo único pela Lei nº 12.408, de 2011).

2º Não constitui crime a prática de grafite realizada com o objetivo de valorizar o patrimônio público ou privado mediante manifestação artística, desde que consentida pelo proprietário e, quando couber, pelo locatário ou arrendatário do bem privado e, no caso de bem público, com a autorização do órgão competente e a observância das posturas municipais e das normas editadas pelos órgãos governamentais responsáveis pela preservação e conservação do patrimônio histórico e artístico nacional (incluído pela Lei nº 12.408, de 2011)².

² Portal da Legislação - Presidência da República. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19605.htm>. Acesso em: 19 fev. 2014.

6 GÊNERO DO FILME

O Modo de representação de um documentário pode se apresentar de seis maneiras distintas, que atuam como subgêneros do filme. São eles: poético, expositivo, participativo, observativo, reflexivo e performático. Uma citação de Bill Nichols nos é esclarecedora:

Cada modo compreende exemplos que podemos identificar como protótipos, ou modelos: eles parecem expressar de maneira exemplar as características mais peculiares de cada modo. Não podem ser copiados, mas podem ser emulados quando outros cineastas, com outras vozes, tentam representar aspectos do mundo histórico de seus próprios pontos de vista distintos (NICHOLS, 2005, p. 135-136).

Esse modo de representação nada mais é do que o grau de aproximação do expectador com a obra fílmica, além do diretor com as imagens gravadas, pois esse subgênero está relacionado diretamente ao período do surgimento do mesmo, em uma escala de tempo. A associação dos filmes com os modos de representação, mostrados por Nichols, não necessariamente necessita ter uma fidelidade com as características apresentadas por ele, ou seja, um filme pode livremente ter características do modo reflexivo sendo participativo, por exemplo. O próprio Nichols esboça a questão:

A identificação de um filme com um certo modo não precisa ser total. Um documentário reflexivo pode conter porções bem grandes de tomadas observativas ou participativas; um documentário expositivo pode incluir segmentos poéticos (*Ibid.*, p.136).

O Muro é o Meio é um documentário reflexivo e que trata exclusivamente da realidade, que é representada nesse processo de negociação entre diretor e público, com a intenção de convencê-los da legitimidade dos fatos que estão sendo expostos na tela. Quer dizer, o filme nos convida a pensar sobre o meio acadêmico em que vivemos, apontando os problemas de representação das manifestações e questionando a respeito das pichações e grafites que estão sendo apagadas dos muros da Universidade Federal de Sergipe. No filme, não é a relação do diretor com o tema que está sendo mais evidenciado, mas sim a relação do mesmo com o expectador. Cabe ao estilo reflexivo a apuração do discernimento da representação da realidade objetiva explanada no filme, sem a intervenção do diretor nas imagens gravadas. Uma citação de Nichols nos é esclarecedora:

Esse é um estilo que parece proporcionar um acesso descomplicado ao mundo; toma a forma de realismo físico, psicológico e emocional por meio de técnicas de montagem em evidência ou em continuidade, desenvolvimento de personagem e estrutura narrativa. (*Ibid.*, p. 164).

O filme *O Muro é o Meio* produz no público uma aproximação com problemas enfrentados pelos estudantes, como a falta de segurança e questões de estrutura física, assumindo a realidade da situação em que foi vivenciada pelos estudantes naqueles momentos e mostrando como ela está atualmente, ou demonstrando nos depoimentos, ainda que não explicitamente expressado o desejo de como a Instituição deveria ser. Nichols cita:

Os documentários politicamente reflexivos reconhecem a maneira como as coisas são, mas também invocam a maneira como poderiam ser. Nossa consciência mais exacerbada abre uma brecha entre conhecimento e desejo, entre o que é e o que poderia ser. Os documentários politicamente reflexivos apontam para nós, espectadores e atores sociais, e não para os filmes como agentes que podem fechar essa brecha entre aquilo que existe e as novas formas que desejamos que isso existe... (*Ibid.*, p.169).

O documentário se aproxima do modo performático pela liberdade no uso das técnicas audiovisuais, como vasta exploração dos planos e a incorporação de imagens projetadas, que garantem outra estética à imagem, ou como dão um aspecto de passado, antigo. Diferenciando os estilos de imagem, no caso do curta, a utilização da projeção nas imagens de arquivo possibilitou que a baixa qualidade das imagens em relação à qualidade do filme fosse pouco notada, pois pelo uso da técnica maquiou-se esse problema.

No caso de *O Muro é o meio*, um filme que tem como principal argumento a voz de quem não tem voz na sociedade, este se apresenta de maneira reflexiva quando constrói na narrativa uma relação das mensagens de protesto com fatos que marcaram a história da Universidade, e também como a comunidade acadêmica enxerga a pichação na Instituição. A proposta do documentário mostra como a materialização da mensagem no muro atinge diretamente os receptores e dá a eles acesso a essa informação, que conseqüentemente inicia-se um processo de reflexão, discurso e debate sobre o que expõe aquela intervenção.

Desta forma, se as paredes com mensagens de protesto são para alguns uma ação de vandalismo pelo ato criminoso de sujar, por outro lado a pichação e qualquer tipo de intervenção visual (não apenas as que utilizam o muro como suporte) têm uma preocupação com o material humano dentro do espaço universitário. Assim, essas mensagens e a compreensão delas nos muros, que seria esse conhecimento material, propiciam a reflexão e a curiosidade dos sujeitos leitores sobre o que de fato elas significam.

O Muro é o Meio é um filme onde o tema principal são as pichações na Universidade, porém ele dá ênfase à experiência da memória dos entrevistados, quando falam sobre os fatos ocorridos e vivenciados por eles e que acabam em certos momentos deixando a intervenção visual – que é o foco central e que liga todos esses acontecimentos – para falar apenas sobre o

que está ao redor das intervenções. Experiência que vai até o momento em que a pichação volta à tona e o mesmo se repete na retratação dos outros dois temas expostos no curta.

7 PROPOSTA FOTOGRÁFICA



Figura 9 – Janaína Vasconcelos, diretora de fotografia de *O Muro é o Meio* e discente do curso de Audiovisual, da UFS

Fonte: Arquivo pessoal

A direção de Fotografia do curta-metragem *O Muro é o Meio* foi concebida por Janaína Vasconcelos. Ela se responsabilizou por transpor o roteiro do filme na forma de fotografia de vídeo, para posteriormente serem editadas e finalizadas.

As imagens foram, na maioria das vezes, captadas no próprio *campus* São Cristóvão da Universidade Federal de Sergipe, apenas com exceção de uma entrevista que foi realizada na casa de uma entrevistada, em Aracaju. A proposta foi manter um padrão técnico nas imagens, fotografando os entrevistados nos locais de relação com o que estava sendo tratado nas entrevistas e enquadrando de uma forma que mostrasse as dependências do *campus*, compondo uma imagem artística e diferenciando o filme de outros trabalhos realizados na Universidade, procurando não mostrar aquilo que já é habitualmente mostrado nos trabalhos acadêmicos de vídeo realizados na UFS, fazendo uso de técnicas também pouco utilizadas.



Figura 10 – Imagem capturada com lente 50mm, Bárbara Nascimento (entrevistada)

Fonte: Arquivo pessoal

As imagens foram feitas por meio de duas câmeras DSLR da *Canon* e foram utilizadas duas lentes. Uma 18-55mm, uma objetiva de *zoom* que funciona em aplicações diversas e possui um estabilizador de imagem capaz de ter um bom desempenho até em locais de pouca luminosidade, e a outra foi uma 50mm, responsável por uma melhor nitidez de imagem e foco e que permite também uma maior profundidade de campo comparada à de 18-55.



Figura 11 – Imagem capturada com lente 50mm, Pedro Alves (entrevistado)
Fonte: Arquivo pessoal

Utilizamos bastante o desfoque no segundo plano das imagens captadas com a 50mm, o que proporcionou uma melhor definição de cor e textura na imagem de algumas entrevistas. Não foram utilizados equipamento de iluminação artificial, pois optamos por gravar sempre no fim da tarde para dispor de uma boa iluminação natural, evitando uma luz mais dura e estourada que poderia ser ocasionada pelas rajadas de sol, compensando sempre com o ISO das câmeras, determinando um valor para a sensibilidade da imagem e controlando o nível de ruídos na imagem final. Com isso, e através de seu olhar fotográfico, a diretora de Fotografia compôs os enquadramentos, fazendo o recorte do que seria interessante para o filme, por meio dos ângulos e da distância da câmera em relação aos entrevistados, estabelecendo foco ao que deveria estar em evidência na cena começamos o trabalho.

8 PROCESSO DE REALIZAÇÃO

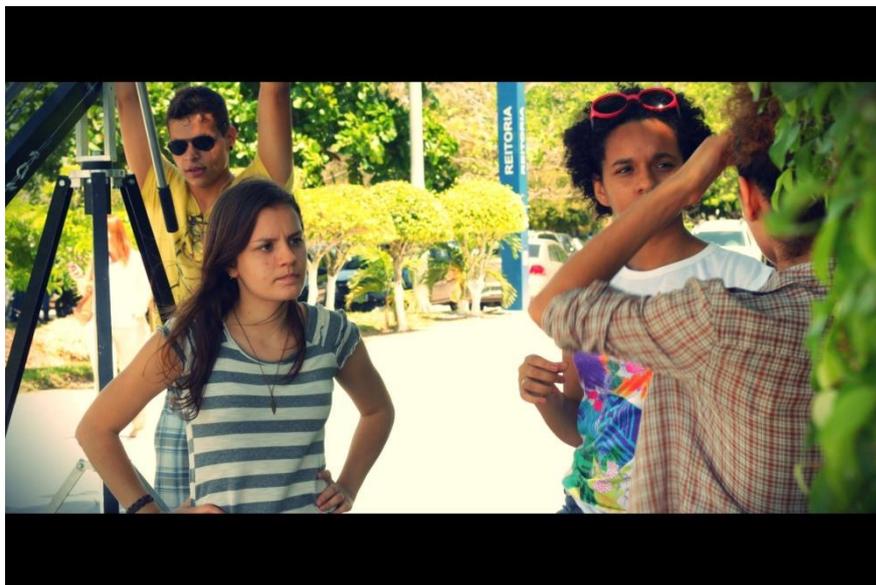


Figura 12 – Equipe de filmagem de *O muro é o meio*. Da esquerda para a direita, o diretor Eudaldo Monção, a assistente de produção Renata Mourão, a técnica de som Rayanne Layssa e, de costas, a diretora de produção Fernanda Almeida

Fonte: Arquivo pessoal

Foram treze dias de gravação, realizadas no período de 27 de novembro de 2013 a 11 de janeiro de 2014. A equipe trabalhou por meio de uma escala estabelecida previamente pela diretora de produção Fernanda Almeida, que organizou os horários de disponibilidade tanto dos entrevistados quanto dos membros da equipe para marcar as gravações.

As imagens do filme *O Muro é o Meio* foram gravadas em formato de vídeo por meio de duas câmeras fotográficas, gerando imagens em alta definição e com resolução de 1.920 x 1.080 pixels, gravadas a 24 frames por segundo, garantindo uma qualidade de imagem muito próxima à do cinema. O áudio ficou sob a responsabilidade do gravador portátil mais que potente, o *ZOOM H4N*; gravamos no modo estéreo em formato *WAV* (sem compressão), garantindo um áudio de qualidade razoável. As câmeras utilizadas foram a minha *Canon T3I* e a da Diretora de Fotografia, Janaína Vasconcelos, *T4I*, também da *Canon*. Com exceção das câmeras, todos os outros equipamentos foram emprestados pelo Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Sergipe (a maioria destes conquistados com a ocupação de 2011) e pelo Núcleo de Produção Digital Orlando Vieira, que através de ofício elaborado pela produtora foi possível o apoio do Núcleo no empréstimo de tripés e microfones (que acabaram não sendo utilizados); já na Universidade, conseguimos a grua, o gravador portátil e tripés.

Foi a minha primeira experiência com a grua da Universidade, na ausência de um maquinista e de um manual que pudesse nos ensinar como montar, pois então começamos todos nós da equipe analisando peça por peça da maquinaria, até que conseguimos montar toda aquela estrutura que seria fundamental para a criação dos planos desejados.



Figura 13 – Equipe de filmagem de *O muro é o meio*. Da esquerda para a direita Pedro Alves (entrevistado), o Diretor Eudaldo Monção, a Produtora Fernanda Almeida, a Assistente de produção Renata Mourão e a Técnica de som Rayanne Layssa
Fonte: Arquivo pessoal

Toda a equipe do filme é composta por estudantes do curso de Audiovisual da UFS, com exceção de Thaiara Silva (que ficou responsável pela pesquisa de imagem de arquivo) que não é estudante da Universidade, porém já participou de cursos de Realização em Audiovisual e de roteiro para documentário, demonstrando-se desde o início interessada em contribuir com o trabalho e acabou integrando a equipe.

Segundo o orientador deste projeto, a primeira coisa que eu deveria fazer era encontrar uma diretora de produção. Então, logo contatei Fernanda Almeida. Depois disso, começamos a montar a equipe, convidando os colegas mais próximos e os calouros que sempre chegam com muita disposição para o trabalho. Aprendi muito com a realização desse filme e tive a oportunidade de ensinar também aos recém-chegados como manusear o equipamento de áudio e outras coisas mais técnicas. Afinal, cinema é isto: é terceirizar o trabalho, é partilhar os conhecimentos e as dificuldades em prol de algo maior.



Figura 14 – Equipe de *O Muro é o Meio* durante as gravações no *campus* de São Cristóvão da UFS
Fonte: Arquivo pessoal

Uma citação de Murch clareia o que afirmamos:

O trabalho em equipe, que não é necessariamente um compromisso, pode ser o fator principal se encorajado da maneira certa, quer dizer, para permitir um filme falar da forma mais clara possível com o maior número de pessoas. Cada pessoa que trabalha em um filme traz a sua própria perspectiva sobre o tema. E se essas perspectivas forem adequadamente orquestras pelo diretor o resultado será um trabalho de uma complexidade multifacetada e integrada com grandes chances de atrair a atenção e o interesse do público, que é, em si, uma entidade multifacetada à procura de integração (MURCH, 2004, p. 148).

Os entrevistados foram escolhidos de acordo com o grau de afinidade e domínio sobre os temas. Escolhi estudantes que ocuparam a Reitoria nos anos de 2008 e 2011, estudantes pichadores que falam sobre a motivação para a realização da intervenção.

Nem sempre tudo correu bem durante o processo de realização. Contamos com alguns imprevistos, que acabaram atrasando algumas gravações. No início, estávamos utilizando em uma das câmeras um cartão de memória *SD* de *2GB* que, gravado a uma qualidade dessas, não passaria de dois minutos de filmagem. Então, em alguns momentos, utilizamos apenas uma câmera por conta desse problema.



Figura 15 - Da esquerda para a direita, Paulo Lopes (entrevistado), o Diretor Eudaldo Monção e a Diretora de produção Fernanda Almeida, durante as filmagens de *O muro é o Meio*
Fonte: Arquivo pessoal

No dia da gravação do depoimento de Merieny Gatto, o áudio não foi gravado devido a um problema de comunicação com a operadora de áudio. Tivemos que remarcar o depoimento em meio às festividades de final de ano e acabamos atrasando a gravação de outros depoimentos por conta desse problema, mas foi resolvido e então tivemos a atenção redobrada para o som. Não obstante, ainda houve a perda de uma bateria das câmeras e de um cartão de memória com imagens que seriam utilizadas no filme, o que levou-me a refazer mais uma vez essas imagens.

9 TRILHA SONORA



Figura 16 – Luís Cesar da Família Milgrau durante a gravação da trilha sonora no “Estúdio Copacabana”

Fonte: Arquivo pessoal

Neste íterim, a equipe de produção intercedia conversas com supostos apoiadores para a gravação da trilha que, primeiro por sugestão de uma colega envolvida no projeto, nos sugeriu um cantor de *rap* de São Paulo; a produção contactou o mesmo diversas vezes pedindo a liberação dos direitos da música *Pixadores* para o filme, obtendo a resposta de que liberava, mas o cantor não assinou o termo de liberação de trilha sonora. Nós resolvemos não envolver a música sem a liberação por escrito, e então concluímos que um cantor de *rap* local poderia compor uma letra para o filme.

Não bastava ter uma boa equipe de produção formada sem apoio para o filme. A atuação da Diretora de produção Fernanda Almeida era necessária: contactou alguns estúdios de gravação de áudio da cidade para a gravação da trilha, mas todas as tentativas foram sem sucesso. Precisávamos de uma música para o filme e de um estúdio para a realização da gravação. Então, para surpresa de todos nós, o professor de grafite e um dos entrevistados do filme, Jubathc, apareceu no dia de sua gravação estampando em sua camisa uma propaganda de um estúdio musical a qual pertencia a seu tio. Foi então que, com o contato da Diretora de produção, conseguimos o apoio do “Estúdio Copacabana” para a gravação, mas ainda tínhamos que encontrar um operador de mesa para produzir a música. Foi quando nos foi indicado Feroz, que nos cederia o apoio para filme, sendo contemplado com cartela inicial e final no filme, assim como divulgação na rede social da página do curta.

Com a indicação do “Feroz Produções”, que tão rapidamente abraçou nosso projeto, tínhamos o Estúdio e o Produtor da música, mas não tínhamos a letra. Foi então quando a produção contactou Luís Cesar, da “Família Milgrau”, que nos confessou o desejo de compor a música para o filme. Então elaborei algumas palavras-chave e enviei uma cópia do projeto de documentário para que ele entendesse a proposta e pudesse, assim, compor a letra a música em dois dias (assim ele fez); na semana seguinte, conseguimos entrar no estúdio para a gravação da música intitulada *O Muro é o Meio*³.

Então assinamos os termos de compromisso e responsabilidade, acompanhados pelo consultor jurídico Wesley Soares. A música ficou pronta no último dia do ano, e para contemplação da equipe ela estava perfeita.



Figura 17 – Estúdio Copacabana. A esquerda o vocalista da Família Milgrau Luiz Cesar. A direita Feroz produtor musical
Fonte: Arquivo pessoal

³ Cf. Apêndice1.



Figura 18 – Luís Cesar no Estúdio Copacabana, Durante a gravação da trilha sonora
Fonte: Arquivo pessoal

10 EDIÇÃO E FINALIZAÇÃO

Com um total de cinco horas de material bruto a edição desse documentário foi, sem dúvidas, um desafio para mim. Como transformar essas cinco horas de material gravado em quinze minutos de filme? Eu sempre soube que não seria nada fácil abrir mão desse material, pois nem tudo que está fora significa que não teve utilidade, ou foi comprometido no processo de gravação; simplesmente o tempo é algo que desde o início eu respeitei, optando por abrir mão de algumas falas importantes para adequar o filme a um tamanho que pudesse posteriormente inscrever em festivais de curtas metragens e que, no mínimo, garantisse que o filme não se tornaria chato e longo.

A edição foi realizada por meio do software *Adobe Premiere Pro CC*, a versão mais atualizada do programa. Essa nova versão fundiu-se ainda mais aos outros softwares da *Adobe*, como por exemplo o *After Effects*, utilizado para a criação de efeitos visuais em vídeo, e o tão conhecido *Photoshop*, também de grande importância nesse processo. Momento propício para dialogar com Murch, quando nos deixa escrito o seguinte:

Os sistemas eletrônicos permitem que se faça uso, em várias etapas do processo de edição, dos cada vez mais sofisticados efeitos especiais eletrônicos. Os tradicionais *fades*, fusões e *wipes* podem, é claro, ser vistos e avaliados instantaneamente bem como qualquer reposicionamento e recorte do quadro, reversão da ação, aumento ou diminuição da velocidade da ação. Mas essa é apenas uma pontinha do *iceberg* digital (MURCH, 2004, p. 91).

O primeiro passo foi assistir a todo o copião e fazer as anotações em um pequeno caderno daquilo que eu gostaria que entrasse no filme, e depois parti para a prática com o programa que também era novidade para mim – além desta experiência com o *Adobe Premiere Pro CC*, eu apenas tinha realizado um treinamento “Jornada Adobe”, o que não eliminava as dúvidas sobre o processo de corte, inserção e renderização, mas acabou sendo um segundo treinamento, onde as dúvidas puderam ser tiradas na prática e na necessidade de ter prazo para a conclusão do filme.

Eu, como diretor, sempre soube o que poderia ser desnecessário no que diz respeito às falas dos entrevistados, e como o orçamento era baixo (basicamente de equipamentos emprestados) a produção foi bastante limitada no que diz respeito à bateria para a alimentação das câmeras e memória *SD* para armazenar o conteúdo. Como existia sempre o risco de descarregar o equipamento e de lotar todos os cartões, desde o início do processo procurei manter os entrevistados o mais por dentro possível da proposta para que fossem evitadas falas que não rendessem para o filme (o que ocorreu), assim poupando tempo, bateria e memória no

cartão. O que foram cinco horas poderia facilmente ser transformado em vinte horas de filmagem se eu os deixasse livres para falar o que queriam. Sem as interrupções, eles sairiam pela tangente de minha proposta de documentário.

A primeira parte deste processo, que particularmente é o que mais gosto de fazer, foi separar por pastas com os nomes dos entrevistados o que era imagem e o que era áudio, já que foram gravados em equipamentos distintos e o som captado no arquivo da imagem seria apenas para marcar o áudio do gravador, que possui qualidade dez vezes superior ao áudio da própria câmera, ou para utilizar como som ambiente. Em seguida, já com o programa aberto, comecei a criar sequências separadas para cada entrevistado e fui *decupando* o que iria servir e *deletando* o que não iria ter utilidade para o curta. No entanto, as coisas foram complicando aos poucos. Havia depoimentos de quarenta minutos, onde só consegui retirar dois minutos, e havia depoimentos de vinte minutos que eu não conseguia jogar fora absolutamente nem um segundo do que foi dito. Foi uma tarefa difícil a de escolher quais os depoimentos seriam os mais interessantes para compor a obra cinematográfica.

Passando por essa peneira, aos poucos comecei a montar o filme, colocando em uma nova sequência os depoimentos para conversarem entre si, ou completarem uma fala anterior, para que nenhum depoimento estivesse solto na narrativa; logo em seguida, foi a hora de inserir os planos da Universidade, das pichações e grafites espalhados pelo *campus*. Aos poucos o filme foi começando a ganhar vida, mais precisamente com trinta minutos de vida.

Para a minha surpresa, conseguir resumir todas aquelas cinco horas de gravação em apenas trinta minutos foi uma grande vitória, tendo em vista que a minha previsão era de, no mínimo, uma hora para esse primeiro corte, levando em consideração a duração de alguns depoimentos e dos excessos de imagens que seriam utilizadas para a ilustração da fala. O uso da ferramenta multicâmera foi de fundamental importância neste processo de montagem. A ferramenta trabalha com inúmeras possibilidades de câmera, e neste caso apenas duas. Com esse método disponível no *Premiere Pro CC* é possível fazer os cortes com um número variado de câmeras. Esse novo método acelera a edição do material, pois o trabalho inicial será de apenas inserir nas sequências de vídeo as imagens das câmeras (uma câmera para cada trilha de vídeo) e aplicar o efeito. Estando pronto, com os cliques sincronizados no tempo certo, é só escolher as câmeras e os cortes serão realizados automaticamente por meio do *mouse*. Sem esse novo método, provavelmente eu ainda estaria editando *agora*.



**Figura 19 – Captura do programa *Adobe Premiere Pro CC* durante a edição do documentário.
Fonte: Arquivo pessoal**

Concordo com Murch quando ele diz que o corte ideal obedece simultaneamente aos seis critérios que se seguem:

- 1) Reflete a emoção do momento; 2) faz o enredo avançar; 3) acontece no momento “certo”, dá ritmo; 4) respeita o que podemos chamar de “alvo da imagem”; 5) respeita a “planaridade” e 6) respeita a continuidade tridimensional do próprio espaço(MURCH, 2004, p.29).

Busquei realizar a edição com, no mínimo, algum fundamento teórico. Em conversa com orientador deste projeto, Prof. Dr. Noel Carvalho, após a exibição do primeiro corte, começamos a afinar a montagem e adaptá-la ao que Murch propunha. Então começou a surgir o questionamento sobre se determinada colocação de fulano realmente condizia com a proposta do documentário, além de outras sugestões de transição e de planos foram colocadas e a partir disso parti para a segunda etapa do processo.

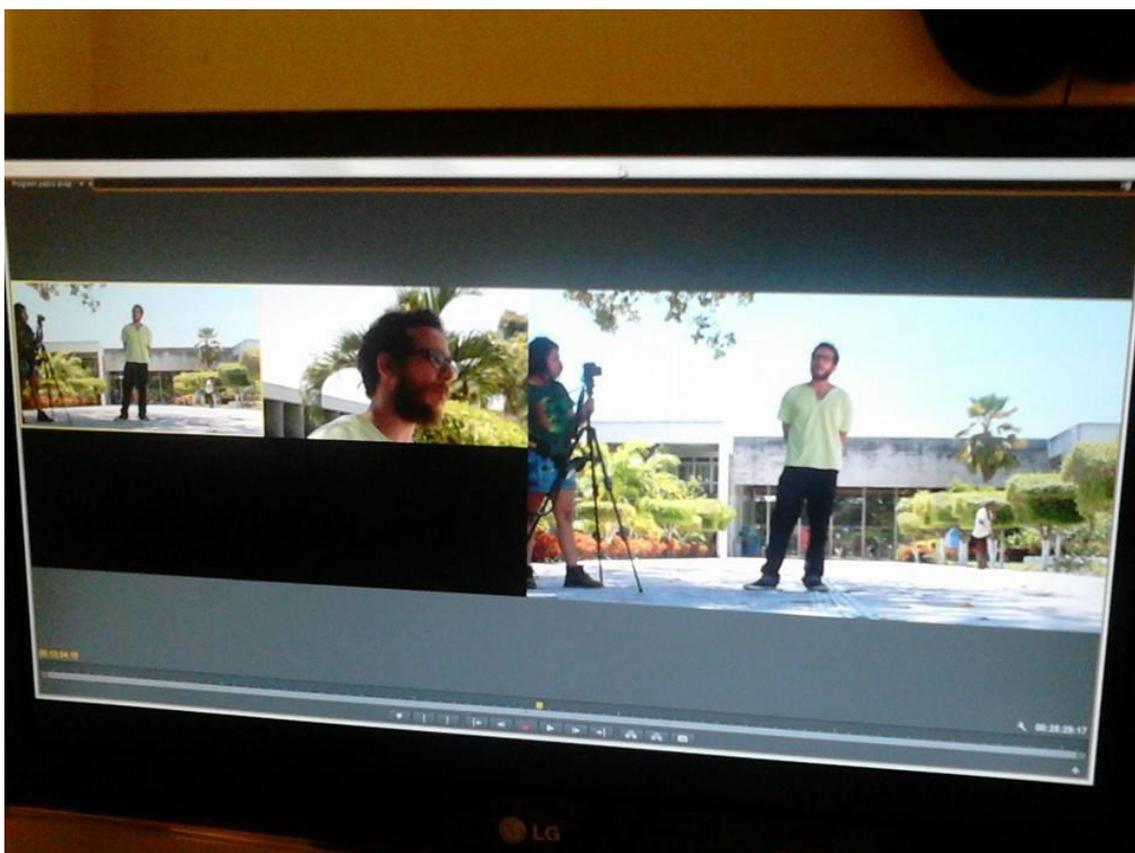


Figura 20 – Captura do programa Adobe Premiere Pro CC, durante edição do documentário.
Fonte: Arquivo pessoal

O segundo e último corte do documentário esplendorosamente foi reduzido pela metade. Agora, o filme tem quinze minutos de duração. Foi um momento único, essa nova versão me fez perceber que a anterior fugia muito da ideia central que eram as pichações e grafites, e mais parecia outro filme. Após retirar os excessos, comecei a inserir efeitos de transição como o *Fade to White*, para a entrada e saída do material de arquivo, já que casava exatamente com o que propunha o filme, que eram os muros brancos e o fato de as intervenções serem apagadas. Foram inseridos também os trechos da música composta originalmente para o filme, o uso de *foley* com o som ambiente em certos momentos, para quebrar um pouco do discurso emitido pela fala dos entrevistados, o que evita tornar um filme extremamente falado e cansativo.

A finalização e a correção de cor, que é a última etapa que o filme passa, foi realizado por Renan Sobral que, para a correção de cor, utilizou o próprio *Adobe Premiere Pro CC*, e por meio do efeito *RGB Curves*, alterou a coloração da imagem captada das câmeras,

modificando a tonalidade do vídeo final. Outra técnica utilizada no processo de realização do filme foi o uso de efeitos em 3D, utilizando o *Camera Tracking* também realizado por ele.



Figura 21 – Muro branco sem inserção de computação gráfica
Fonte: Arquivo pessoal



Figura 22 – Efeito para o letreiro final do filme *O muro é o meio* (Dir. Eudaldo Monção)
Fonte: Arquivo pessoal

Para os créditos finais, nós filmamos o muro em sessenta *frames* por segundo, o que garantiu um movimento de câmera mais suave e com algumas marcações na parede, para que

o *software Boujou* reconhecesse esse movimento desses pontos no computador e assim criasse uma estrutura em 3D, com o objetivo de que o vídeo original pudesse ser *trackeado* pelo programa e posteriormente ser inseridos os efeitos visuais desejados. O mesmo processo de criação visual foi utilizado também nas cartelas iniciais do filme.

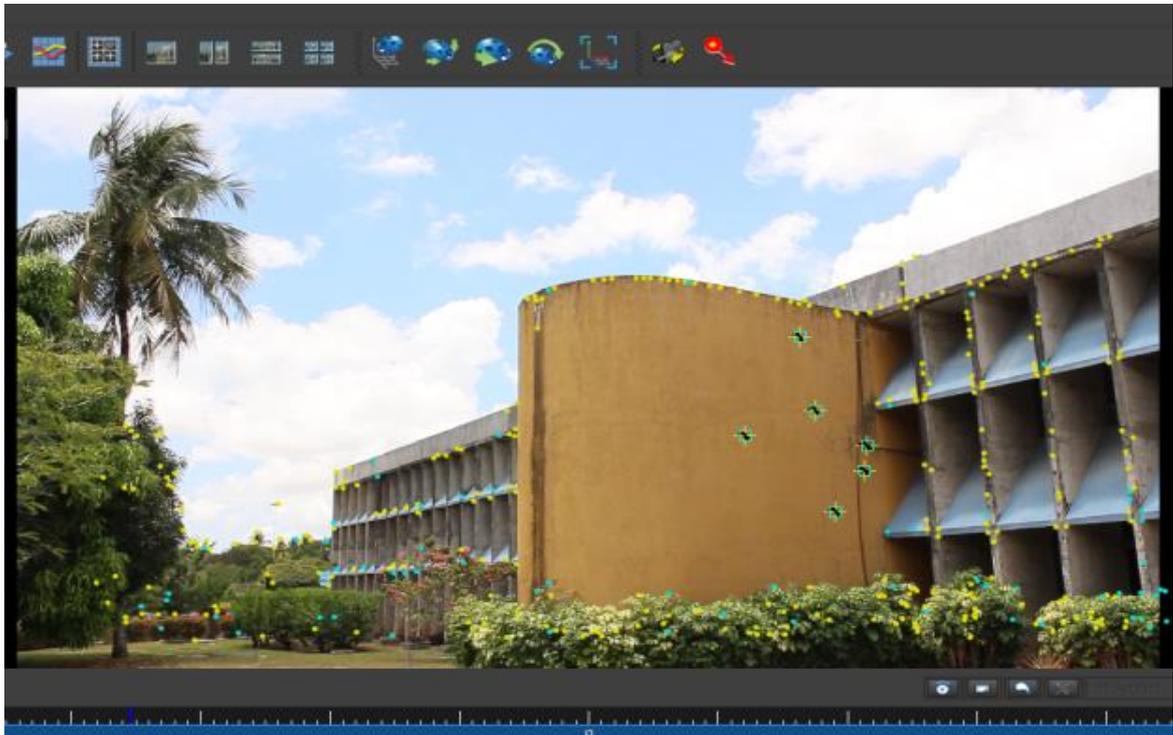


Figura 23 – Visualização do programa Boujou em 2D, para a inserção de efeitos especiais
Fonte: Arquivo pessoal

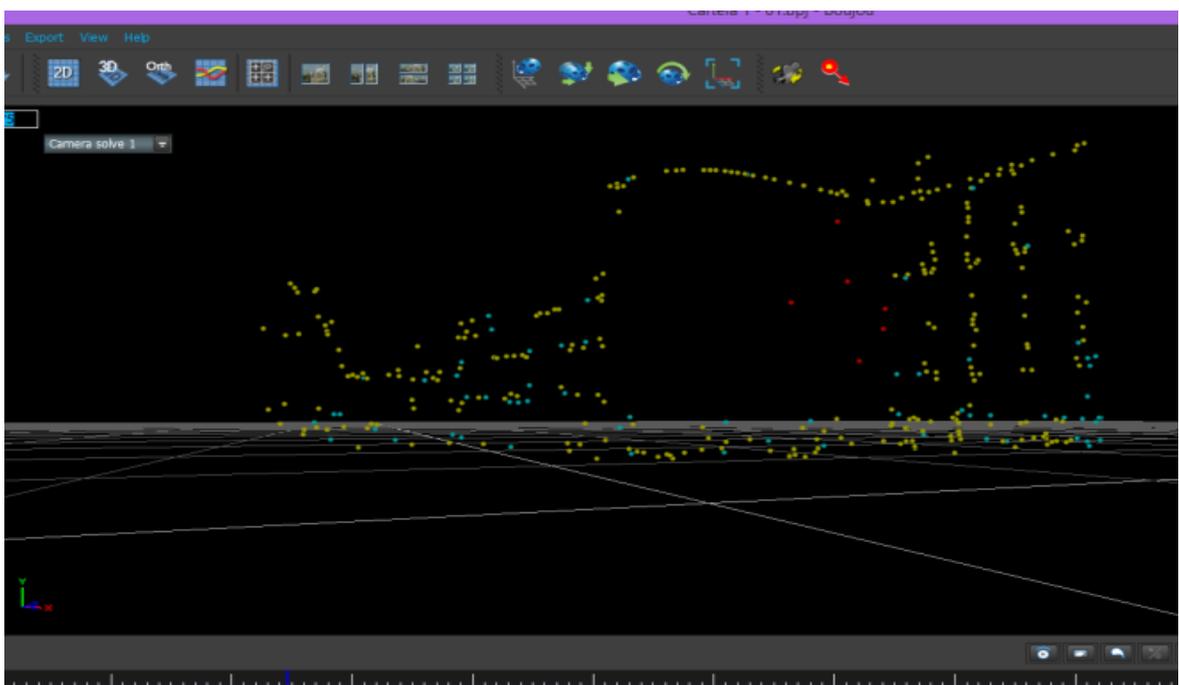


Figura 24 – Visualização do programa Boujou em 3D, para inserção de efeitos especiais
Fonte: Arquivo pessoal

A inserção de pichações feitas para o filme a partir do uso de efeitos visuais criados em computador se deu pela fusão do programa de edição com outros programas da *Adobe*. As criações feitas a partir dos programas *AfterEffects* e o *Photoshop* puderam ser inseridas no projeto do filme, incluindo objetos na cena que não estavam na hora da gravação.



Figura 25 – Captura do programa *Adobe Photoshop* para inserção de letreiro no vídeo
Fonte: Arquivo pessoal

11 CRONOGRAMA DE REALIZAÇÃO



Figura 26 – Renata Mourão, 2ª assistente de produção durante filmagem do documentário *O muro é o meio*

Fonte: Arquivo pessoal

O processo de gravação de *O Muro é Meio* foi bastante rápido pelo fato de as gravações terem sido realizadas no final de ano e a maioria dos entrevistados estando sujeitos a viagem, além de que a própria UFS entra em recesso nas datas festivas de Natal e Ano Novo, gerando assim um atrasado nas gravações, já que usamos a mesma como locação além do material de gravação do departamento de comunicação.

Passamos por dificuldades por falta de comprometimento de dois entrevistados, um que era fundamental para *linkar* os eixos dos assuntos – tivemos que remarcar mais uma vez a gravação, fazendo com que o início dos depoimentos sofresse alteração por uma semana, começando assim em 27 de novembro. Outro problema com entrevistado resultou do fato de que a Diretora de produção Fernanda Almeida marcou duas vezes dois depoimentos com o referido entrevistado e o mesmo sempre desistia, avisando sempre de última hora que não poderia comparecer. Esta gravação foi remarcada pela terceira e última vez, o entrevistado chegou uma hora atrasado e, diante disso, desistimos do mesmo, por motivo de que já tínhamos material suficiente sobre o assunto que o ele iria relatar; vale notar que, por gravarmos na UFS e com estudantes do curso de Audiovisual nós não poderíamos mais perder nossas respectivas aulas por conta do atrasado de terceiros.

Ainda havia mais impedimentos: outro problema enfrentado foi que tínhamos dois depoimentos agendados e confirmados para o dia 02 de dezembro, mas por conta de imprevistos maiores, a Diretora Fernanda Almeida deixou para pegar os equipamentos do Departamento somente no dia; o que impulsionou o problema foi que no mesmo dia 02 ocorreu o falecimento do Governador do Estado de Sergipe, levando a Universidade ao ponto facultativo. De forma rápida, Fernanda consultou orientador, Prof. Noel, sobre o ocorrido. O mesmo me sugeriu desistir, consegui os equipamentos com colegas, ou terceiros. Diante disso, contatamos o Núcleo Orlando Vieira e solicitamos apoio, perguntando se algum daqueles equipamentos que precisávamos estaria disponível para nosso uso. Deste modo, conseguimos o tripé. Não obstante, já o equipamento de áudio, o gravador *H4N*, foi emprestado de uma estudante do curso. E assim cumprimos as gravações programadas para o dia.

A produção estava caminhando aceleradamente, e por termos uma equipe resumida conseguimos o trabalho voluntário de duas estudantes do segundo período do curso de Audiovisual para nos auxiliar. Uma delas foi Renata Mourão, que entrou como segunda assistente de produção, até porque já tínhamos Luciana Oliveira, primeira assistente de produção, que às vezes não poderia comparecer nas gravações por motivo de trabalho e aulas; então, enquanto uma não estava à outra substituíva, sempre se revezando pela escala montada pela diretora de produção. Deste modo, às vezes conseguíamos ter até oito pessoas da equipe em uma gravação, mas em outros dias somente três, justamente por motivos de trabalho e aulas.

Ação	Outubro2013	Novembro 2013	Dezembro 2013	Janeiro 2014	Fevereiro 2014	Março 2014
Pré-produção	x					
Pesquisa	x	X				
Pré-roteiro	x	X				
Gravação		X	x	x		
Gravação da Trilha Sonora			x			
Edição				x		
Impressão do material gráfico					x	
Gravação de DVD					x	
Escrita do Memorial				x	x	
Entrega e apresentação do TCC					x	
Lançamento						x

Tabela 1
Fonte: elaborado pelo autor

12 DISTRIBUIÇÃO



Figura 27 – Captura da *Fan-Page* do filme na rede social *Facebook*
Fonte: Arquivo pessoal

Após o primeiro dia de gravação, realizado no dia 27 de novembro de 2013, tivemos a ideia de criar uma *Fan Page* na rede social *Facebook*, por ser a mais utilizada atualmente e a mais recomendada para divulgar notícias sobre o processo de realização do filme. Então, Fernanda criou a página que, para a nossa surpresa, após quarenta e oito horas de sua criação, já havíamos atingido um número de curtidores superior a duzentos, sendo que em sua maioria não era amigos, mas sim pessoas de outros Estados interessadas em assistir ao nosso filme. Isso foi instigante para toda equipe para que pudéssemos fazer com mais empenho algo que pode ser visto por tantos olhos e diversas regiões.

Percebemos que a vinculação de fotos e vídeos da mesma ia despertar no público uma vontade de assistir e conhecer mais o filme. A *Page* foi criada no início de Dezembro. Passamos a divulgar diariamente fotos do processo de realização e de algumas pichações da Universidade, bem como de fora dela também, além de alguns trechos de entrevistas que

ficaram de fora do corte de quinze minutos acabaram sendo utilizado como prévia do que estaria por vir e com isso conseguimos atingir mais curtidores que aguardam ansiosamente pelo lançamento do filme.

Essa técnica de distribuição e venda do filme foi importante para nós que tivemos todo o nosso esforço mostrado para o público que aguardava ansiosamente e que tinha a curiosidade de acompanhar o processo mesmo a distância, bem como para os apoiadores que tiveram os seus serviços divulgados.

Ainda durante o processo de filmagem, houve publicações que atingiram mais de 8.400 visualizações e 120 compartilhamentos, isso permitiu que pessoas de outros locais do mundo curtissem a página e tomassem conhecimento do filme, requisito para TCC do curso de Audiovisual, que estava sendo realizado em Sergipe.



Figura 28 – Captura de publicações realizadas por *O muro é o Meio*, na plataforma Facebook
Fonte: Arquivo pessoal

Com essa grande visualização do que estávamos fazendo criou-se um público que aguardava semanalmente os novos vídeos e as novas publicações que seriam postadas. Todos nós da equipe, então, nos revezávamos para fazer novas publicações na página, resultando em um alcance ainda maior.

Fui contatado por um dos administradores de outra rede social, o *Filmow*, uma rede social para filmes. Ele havia tomado conhecimento da realização do filme por meio do *Facebook* e estava interessado em cadastrar o curta no site. Realizamos o cadastro do filme na rede social e esse foi mais um meio de distribuição, uma janela para que o filme seja visto em outros locais.

O *filmow* compreende um espaço de discussão sobre filmes onde os usuários marcam os filmes que já viram, querem ver, não querem ver e marcam seus favoritos. É possível integrar com outras redes sociais, fazer comentários e avaliações do filme marcando as estrelas e gerando uma nota.

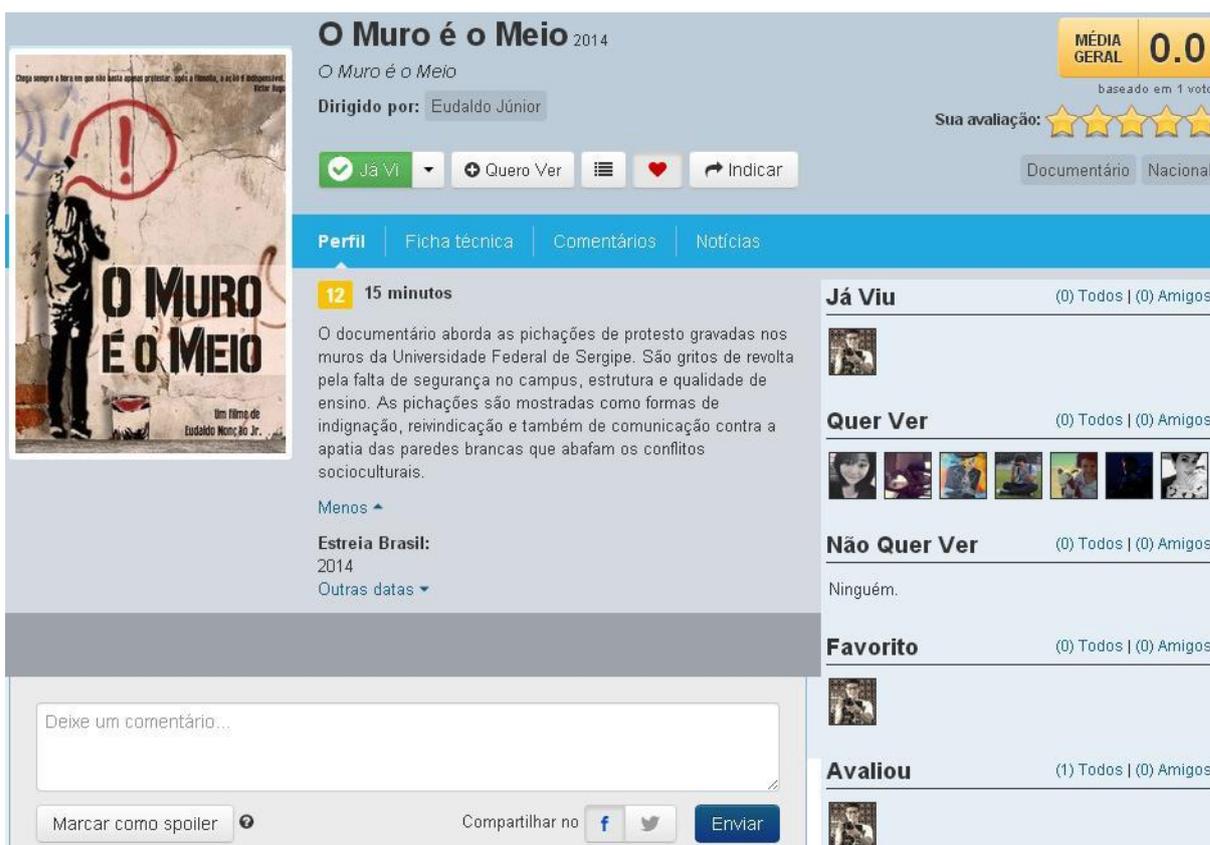


Figura 29 – Captura do perfil do filme na plataforma *Filmow*
Fonte: Arquivo pessoal

A experiência de poder acompanhar o filme sendo comentado na internet me fez perceber que a internet permite esse alcance em locais onde não imaginávamos que haveria

interesse pelo tema. Depois de inscrito em festivais e rodar pelos cineclubes, o site – através do *Youtube* – possibilitará que os interessados possam assistir ao curta pela própria página no *Filmow*. Aqui falamos sobre um público para além da Universidade e de Aracaju, além do Brasil.



Figura 30 – Publicação feita por *O Muro é o Meio*, na plataforma *Facebook*
Fonte: Arquivo pessoal



Figura 31 - DVDs de *O Muro é o Meio*
Fonte: Arquivo pessoal

Por meio de um termo solicitando apoio cultural, conseguimos junto à gráfica *Imprima* um apoio para a confecção de cem cópias de *DVDs* e cem cartazes para a divulgação. A contraproposta foi a de oferecer uma cartela nos créditos iniciais e finais do filme, assim como a divulgação da empresa na própria *Fan Page*, gerando curtidas para a página deles e a inclusão da *logo* na capa do *DVD*. A arte do *DVD* foi concebida pelo Design gráfico Felipe Ferreira que, após assistir ao filme e com base nas fotos realizadas para a divulgação, criou a arte para que pudesse ser impressa e confeccionada nos *DVDs*.

A nossa pretensão é a de destinar as cópias para festivais pelo país, bem como à cineclubes e aos próprios apoiadores e entrevistados, isto é, àqueles que contribuíram para a realização do trabalho. Após a apresentação do Trabalho de Conclusão de Curso, iremos marcar também um lançamento onde iremos apresentar o filme para Sergipe.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O documentário *O muro é o meio* foi a minha primeira experiência na direção de um documentário. Acredito que obtive êxito para uma primeira experiência com o gênero, consegui extrair dos entrevistados aquilo que me interessava para compor toda a narrativa que pretendia *construir*. O Curso de Audiovisual da UFS me ajudou muito no processo de realização de uma ideia que estava no papel. As disciplinas cursadas durante esses quatro anos de curso influenciaram desde a criação do pré-roteiro do documentário até os planos de câmera e edição. Sem essa formação não teria um domínio da linguagem audiovisual e noção de como realizar uma obra de tal nível.

Para uma primeira experiência, não se pode deixar de notar a qualidade do produto final, como por exemplo, a qualidade do som e dos efeitos especiais utilizados no filme, e é notável a qualquer espectador que não se trata de um filme amador, não apenas pela qualidade de imagem, mas pelo negócio que gira em torno dele. Conseguimos apoiadores que tiveram suas marcas ligadas diretamente com o filme, visando terem seus serviços divulgados e a marca conhecida. O filme será gravado em *DVD* e enviado a diversos festivais de modo que atravessará fronteiras, quiçá ganhar prêmios.

Passei a me interessar pelo gênero documentário a partir dos cursos de documentário oferecidos pelo Núcleo de Produção Digital Orlando Vieira. O primeiro foi sobre “Realização em Audiovisual”, facilitado pelo Diretor Anderson Craveiro, vencedor de festivais renomados, como o “Festival de Gramado” e o “Festival Kinoforum”. Neste curso, pude acompanhar do processo de pesquisa até a montagem de um curta documentário, o que me garantiu sucesso também na parte da montagem de todo o bruto filmado já que desde cedo já tinha noção de como seria difícil tal conversão de cinco horas em quinze minutos.

O segundo curso foi o de “Roteiro Para Documentário”, com o realizador Gualberto Ferrari, do Centro Audiovisual Norte-Nordeste (CANNE) e Fundação Joaquim Nabuco. O curso foi ofertado durante o *Curta-SE 13*, pelo NPD Orlando Vieira. Durante o curso, tive a experiência de estar com um documentarista que me proporcionou sugestões referentes ao roteiro e também dicas sobre a montagem e a estrutura narrativa.

Durante o processo de realização experimentei a construção de imagens utilizando equipamentos, material de arquivo, montagem, efeito multicâmera, etc. Enfim, utilizei os recursos que até então desconhecia na prática e tinha curiosidade em ver aplicada.

As disciplinas cursadas durante a graduação, como Linguagem Cinematográfica e Audiovisual, Produção Audiovisual I e II, sem dúvidas ajudaram neste processo. Entender a relação entre sons e imagem e os elementos que compõe o universo do cinema e do audiovisual, além da prática, me fizeram perceber recursos que antes não era considerado importante como uma boa qualidade sonora, que faz toda a diferença.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Lei nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998. Dispõe sobre as sanções penais e administrativas derivadas de condutas e atividades lesivas ao meio ambiente, e dá outras providências. **Portal da Legislação - Presidência da República**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19605.htm>. Acesso em: 19 fev. 2014.

CARVALHO, Noel dos Santos. **Roteiro para Elaboração de Projeto e Planejamento de Produção Audiovisual**. 2010. (Desenvolvimento de material didático ou instrucional - Apostila de Produção).

DA-RIN, Silvio. **Espelho Partido: tradição e transformação do documentário**. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2004.

FACEBOOK. **O muro é o meio**. Disponível em: <<https://www.facebook.com/pages/O-Muro-%C3%A9-o-Meio/1424549851110292?ref=hl>>. Acesso em: 15 fev. 2014.

FILMOW. **O muro é o meio**. Disponível em: <<http://filmow.com/o-muro-e-o-meio-t93320/>>. Acesso em: 27 jan. 2014.

JUS NAVIGANDI. **A pichação e a grafiteagem na óptica do direito penal: delito de dano ou crime ambiental?**. Disponível em: <<http://jus.com.br/artigos/8039/a-pichacao-e-a-grafiteagem-na-optica-do-direito-penal/2#ixzz2pL63CJov>>. Acesso em: 19 fev. 2014.

MURCH, Walter. **Num piscar de olhos: a edição sob a ótica de um mestre**. Trad. Juliana Lins. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao Documentário**. 3ª Ed. Trad. Mônica Saddy Martins. Campinas: Papirus, 2005.

O ESTRANHO PLANETA DOS SERES AUDIOVISUAIS. Direção: Paulinho Caruso e Teo Poppovic. Produção: Matias Mariani, Cao Hamburger e Marcelo Monteiro. Brasil: 2009. TV Futura (25 min.), son., color.

PIXO. Direção: João Wainer e Roberto Oliveira. Brasil: 2009. 1 DVD (61 min), son., color.

SOUZA, David da Costa Aguiar de. **Pichação carioca: etnografia e uma proposta de entendimento**. 2007. 122f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

TAVARES, Jordana Falcão. Graffiti o Muro, a parede, a Universidade e até a galeria. In: IV Encontro de História da Arte, 2008, Campinas. **Anais...** Campinas: IFCH/UNICAMP, 2008, p. 1133-1142. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/chaa/eha/atas/2008/TAVARES,%20Jordana%20Falcao%20-%20IVEHA.pdf>>. Acesso em: 19 fev. 2014.

WIKIPÉDIA. **Pichação**. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Picha%C3%A7%C3%A3o>>. Acesso em: 18dez. 2013.

YOUTUBE. “Documentário na Era Digital”, Xavante Vê entrevista BillNichols.

Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=NBVXUrSAsW4>>. Acesso em: 19 fev. 2014.

YOUTUBE. “Documentário Performático”, Xavante Vê entrevista BillNichols.

Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=SVqb5Ovv04Q>>. Acesso em: 19 fev. 2014.

FICHA TÉCNICA

Duração: Aprox. 15 minutos

Gênero: Documentário

Formato: Vídeo

Formato de gravação, padrão de gravação: Vídeo 24frames/s

Edição (sistema / software): Adobe Premiere Pró CC

Direção: Eudaldo Monção Jr.

Roteiro: Amanda Lemos e Eudaldo Monção Jr.

Direção de Fotografia e Câmera: Janaina Vasconcelos

Direção de Produção: Fernanda Almeida

1ª assistente de produção: Luciana Oliveira

2ª assistente de produção: Renata Mourão

Montagem: Eudaldo Monção Jr.

Animação e Finalização: Renan Sobral

Som direto: RayanneLayssa

Montagem de som: Renan Sobral

Narração: Lucas Itacarambi

Maquinista: Daniel Assunção

Pesquisa: Eudaldo Monção Jr.

Pesquisa de Material de Arquivo: Thaiara Silva

Arte Gráfica: Felipe Ferreira

Consultoria Jurídica: Wesley Soares

Entrevistados (por ordem de aparição)

Andreza Cintra – Estudante de Publicidade e Propaganda

Jubathc – Professor de Grafite

Germana Araújo – Doutora em Sociedade e Cultura

Bárbara Nascimento – Jornalista e estudante de Audiovisual

Estevão Andrantos – Estudante de Teatro

Pedro Alves - Jornalista

Paulo Lopes – Estudante de Jornalismo

Pedro Alexandre – Estudante de Publicidade e Propaganda

Luiz Andrade – Estudante de Geografia

Merieny Gatto – Estudante de enfermagem

Trilha sonora:

Música: O muro é o meio

Composição: Luis César

Interpretação: família Milgrau

Produção: Feroz Produções

Gravação: Estúdio Copacabana

Aracaju - Se, 2013.

Material de Arquivo

Trecho do vídeo “Somos todos Laranjeiras”
Material de arquivo de Estevão Andrantos, 2008.

Trecho do vídeo “Vida de Calouro”
Direção: Diogo Cysne
Cysne Produções Audiovisuais, 2011.

Reportagem de TV
Apresentador: Evenilson Santana
Reportagem: Sarah Medeiros
Imagens: Miro Ribeiro
Direção de Jornalismo: Eduardo do Valle
Jornal do Estado – 2ª edição
TV Atalaia-Rede Record, 2013.

Gravado com:

Canon EOS REBEL T3I – Lente EFS 18-55 mm
Cannon EOS REBEL T4I – Lente EFS 50 mm
Gravador ZOOM H4N

Filmado em locações do *Campus* São Cristóvão da Universidade Federal de Sergipe e no município de Aracaju, Sergipe, Brasil. No período de Novembro de 2013 a Janeiro de 2014.

APÊNDICE

Apêndice 1

Letra da música “O muro é o meio”

Composição: Luis César

Interpretação: Família Milgrau

Produção: Feroz Produções

Gravação: Estúdio Copacabana

Tensão, desvia das câmeras e ação
Ocupação da reitoria
Protesto e pichação

Na UFS um novo ciclo de expressão e manifesto
Pois a tinta não é nada diante de ferros e concretos

O certo já não sei quem são
Fundamento foco e ação.
Movimento causa efeito, por isso não pago irmão.

Tarifa arbitrária são impostas a todo instante
Causa estresse em quem trabalha e desestimula o estudante

Grafite ali adiante o segurança trata mal
Na cena THC, pra eles são marginais

Intelectuais que fragmentam a ditadura
Nunca ouviu falar da rua não entendem nossa cultura

Na UFS, o muro é o meio que limita
Pensamentos que só julgam porque não se identificam

São parasitas que querem o sangue e nossa pele
A violência aqui foi fato que levou a Daniele
São tags que disputam espaço, bombs que tem sede
Batalhas são travadas contra propagandas nas paredes

Revolução de forma simples e original
O muro é o meio da comunicação audiovisual
Pois estudantes que protestam se revolta

Criam dentro do seu peito o dia da reviravolta
Tamo na escolta, atentos aos muros em nossas volta
Pois a arte que não incomoda logo se transforma em moda

Novamente vai pra pista com sede de mais justiça
Pois a paz é relativa quando não se paga a vista

Apagaram da vista, o que uniu cor e sentimento
Pelo branco a ignorância o preconceito e o cimento

Conhecimento de quem lidera um setor federal
Pensamentos militares que infectam o social
Meu cultural ainda é a opinião da massa
Realismos que chamam atenção, throwups que arregaçam.

Tinta rolinho e spray que denunciam suas faces
Renunciamos suas leis que privilegiam seus disfarces
Uma sociedade que se organizam em varias classes
Quando tromba com o caos é inevitável o xeque mate

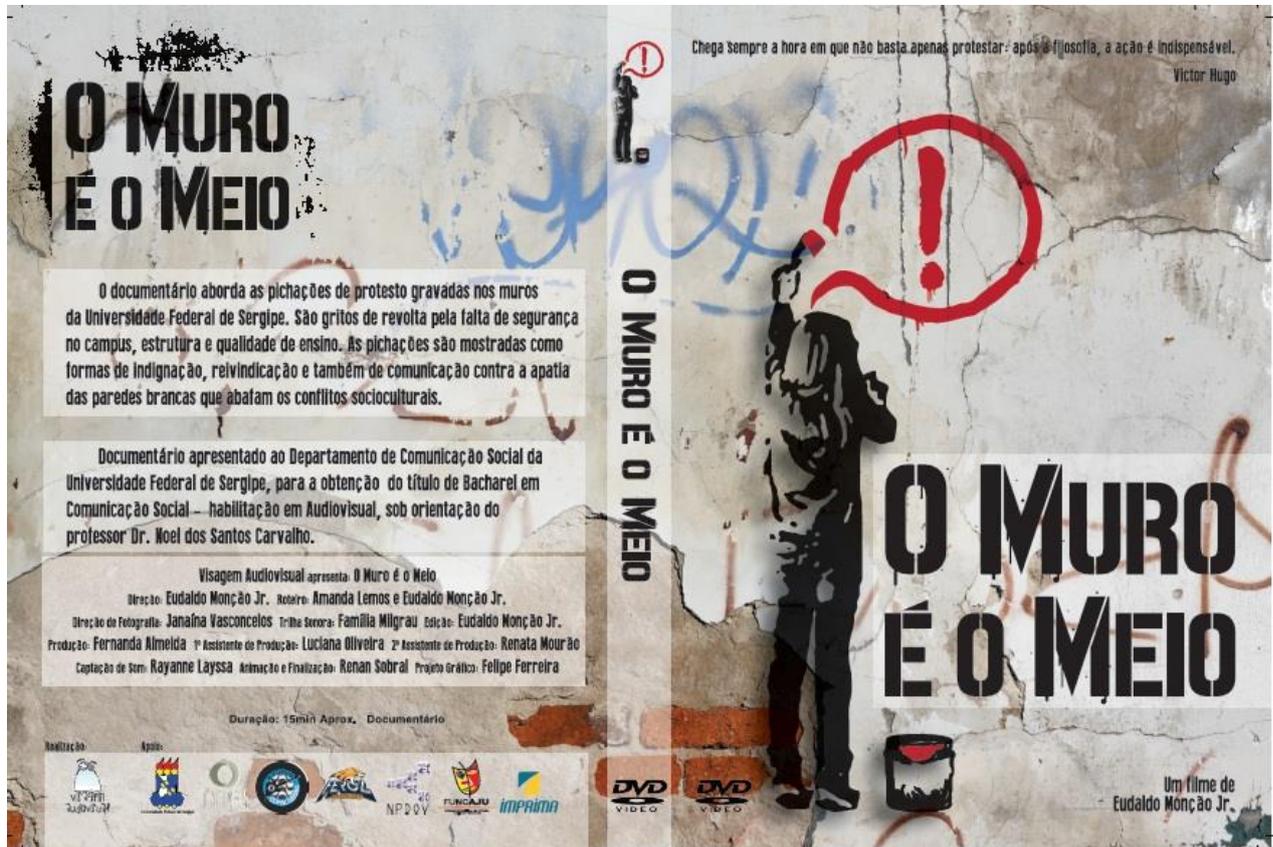
Não faltarão motivos pro convívio a resistência
Juventude demorou pra tomada de consciência
Sem prepotência e transformar a reitoria
Idealizar um novo dia sem fazer demagogia
Filosofia, respeito, conceito em sintonia.
Chegamos pra ficar estabelecendo nossa ideologia

Se for preciso varias horas de ocupação de reitorias setores públicos que não assumem o papel
de multiplicador do bem estar de nosso povo

Vamo invadir de novo
Não adianta levantar paredes elas são a obra prima
Nada vai abalar nossa auto-estima
A adrenalina depositada junto à indignação da nação de ovelhas negras não nos permite ter
medo, seguiremos com fé em um só Deus.
O muro é o meio

ANEXOS

Anexo I Arte do DVD



Anexo II

Autorização de uso de material de arquivo

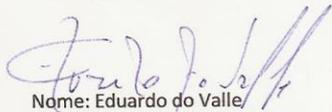
AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM

Neste ato, Eduardo do Valle, nacionalidade Brasileiro, estado civil Casado, portador da Cédula de identidade RG nº. 638.420-0 SSP/SE, Diretor de Jornalismo da TV ATALAIA, à Av/Rua Cláudio Batista, 122, Bairro Santo Antônio, Aracaju, Sergipe

AUTORIZO o uso das imagens de arquivo da "TV Atalaia" relacionadas às ocupações da reitoria da UFS em 2008 e 2011, as manifestações e atos de protesto do movimento Não Pago e ao assassinato da funcionária da UFS Daniele Santos, em todo e qualquer material entre fotos e documentos, para ser utilizada como imagens de arquivos, ligadas ao filme "O Muro e o Meio" do diretor Eudaldo Monção Rocha Júnior portador do RG [REDACTED] e CPF [REDACTED]. E também utilizado na categoria de Trabalho de Conclusão de Curso, ou ainda em outros trabalhos com fins pedagógicos em canais de TV, festivais ou mídias por ele autorizadas, sem limitação de tempo ou de número de exibições, no Brasil e/ou Exterior desde que seja mantida a **logomarca da TV ATALAIA** em todas as imagens, devendo também a TV ATALAIA ser citada nas fichas técnicas de todos os materiais produzidos com utilização das referidas imagens cedidas.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Aracaju, dia 11 de Dezembro de 2013.



Nome: Eduardo do Valle

Dir.de Jornalismo/TV ATALAIA

Telefone p/ contato:(79)3226-2612

ciente
Thaíra Silva

Anexo III
Termo de solicitação de equipamentos

TERMO DE EMPRÉSTIMO E RESPONSABILIDADE DE EQUIPAMENTO E OBJETOS

Declaro estar solicitando a título de empréstimo na presente data, equipamentos de vídeo e fotografia pertencente ao Departamento de Comunicação Social (DCOS), que será utilizado na produção do filme O Muro é o Meio, com autorização do professor e orientador Noel Carvalho, para a produtora do filme Fernanda Almeida e aluna do curso de audiovisual.

Durante o período de 01/12/2013 até 03/12/2013 ficando o mesmo responsável por sua guarda e conservação.

- 2 Tripés
- kit de áudio (gravador HN4, com cartão de memória e com fone)
- Rebatedores
- Câmera fotográfica
- Câmera filmadora
- Cartão de memória

São Cristóvão, 01 de dezembro de 2013

Contato: (celular) (79) 9945-1703
(e-mail) eudaldoxochajimior@hotmail.com
Assinatura Eudaldo Manoel da Silva
Ass. do professor Noel dos Santos Carneiro

Anexo IV
Autorização de uso da imagem

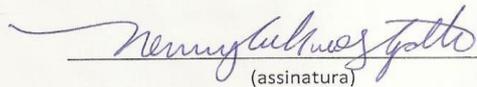
AUTORIZAÇÃO DE USO DA IMAGEM

AUTORIZO o uso da minha imagem em todo e qualquer material entre fotos e documentos, para ser utilizada como imagens de arquivos, ligadas ao filme "O Muro é o Meio" do diretor **Eudaldo Monção Rocha Júnior** portador do RG [REDACTED] e CPF [REDACTED]. E também utilizado na categoria de Trabalho de Conclusão de Curso, ou ainda em outros trabalhos com fins pedagógicos em canais de TV, festivais ou mídias por ele autorizadas, sem limitação de tempo ou de número de exibições, no Brasil e/ou Exterior.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à imagem ou a qualquer outro, sem prejuízo deste, e assino a presente autorização.

Nome: MERIENY CALVEIROS CATTO
End.: R. EPAMONDAS SALMEIDA 119. B. INDUSTRIAL
Estado: SERGIPE Cidade: APAÇATU
Nacionalidade BRASILEIRA Estado Civil SOLTEIRA
Fone: [REDACTED]
e-mail: MERYCATT@bmail.com
CPF: [REDACTED] / CI [REDACTED]

Sa. Cristóvão, dia 11 de dezembro de 2013.


(assinatura)

Anexo V
Termo de Compromisso para apoio cultural

TERMO DE COMPROMISSO

COMPROMITENTE: Imprima
COMPROMISSADO: O Muro é o Meio

O presente termo tem por objeto a concessão de apoio cultural pela Imprima, em favor do O Muro é o Meio, para o custeio dos 100 dvds com capa, case transparente, impressão nos dvds, além de 100 cartazes. Em favor do filme "O Muro é o Meio" do realizador Eudaldo Monção, para a promoção do filme.

As partes signatárias deste Termo comprometem-se, em razão ao seu objeto, ao seguinte:

- Obriga-se a COMPROMITENTE:

Conceder ao **O Muro é o Meio** o apoio cultural, cedendo a produção do filme 100 dvds com capa, case transparente, impressão nos dvds, 100 cartazes, após a assinatura deste Termo no prazo e condições estabelecidos por ambos.

- Obriga-se o COMPROMISSADO:

É obrigatória a inserção da logomarca da Imprima nas peças promocionais, nas mídias, pertinentes aos eventos ou atividades culturais, no próprio filme, bem como menção ao apoio recebido em entrevistas e outros meios de comunicação disponíveis ao O Muro é o Meio.

Aracaju, Sergipe, 06 de Fevereiro de 2014.

Imprima

COMPROMITENTE

O Muro é o Meio

COMPROMISSADO

TESTEMUNHAS:

- 1- *Barissa de Araújo Carvalho*
- 2- *Lucimara da S. dos Mendonça*
- 3- *D. A. C. F.*

Anexo VI Termo de autorização do uso da Trilha Sonora

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DO USO DE TRILHA SONORA

Eu, abaixo assinado, na qualidade de titular dos direitos autorais da música (**O Muro é o Meio**) relacionada abaixo, do grupo **Família Milgrau** e o compositor **Luis Cesar**, autorizo o estudante **Eudaldo Monção Rocha Júnior** portador do RG ~~XXXXXXXXXX~~ e CPF ~~XXXXXXXXXX~~, a utilizar a música de minha autoria como trilha sonora para o filme "**O Muro é o Meio**", que está na categoria de Trabalho de Conclusão de Curso, ou ainda em outros trabalhos com fins pedagógicos em canais de TV, festivais ou mídias por ele autorizadas, sem limitação de tempo ou de número de exibições, no Brasil e/ou Exterior.

Esta autorização inclui o uso das produções audiovisuais que contenham a música citada abaixo, em todo o tipo de transmissão e reprodução de imagens, em televisão aberta, fechada, por assinatura e internet, bem como qualquer outro processo de transporte de sinal de vídeo como DVDs e outras mídias por meio das quais os programas possam ser exibidos.

Na condição de Realizador das produções audiovisuais que contenham a música cujo uso ora é cedido, o estudante **Eudaldo Monção Rocha Júnior**, poderá dispor livremente da produção audiovisual que contenha a música abaixo listada a título gratuito, inclusive estando autorizada a ceder sua exibição a terceiros, não cabendo a mim qualquer direito e/ou remuneração, a qualquer tempo e título.

Música com direitos de utilização cedidos:

1) O muro é o Meio

Alacaçú, 09 de 02-2014
Nome: Duís Regina Brito Costa
Assinatura: Duís Regina
End.: R. MARCELO DO PROCOPIO Nº 533 - B. INDUSTRIAL
Fone: XXXXXXXXXX
e-mail: CGSARFM@HOTMAIL.COM
CPF: XXXXXXXXXX CI XXXXXXXXXX

Sciente: Eudaldo Monção Rocha Júnior